

O Sufixo -eco sempre forma diminutivos com valor pejorativo no PB?

Bruno Cavalcanti Lima*
Maria Fernanda M. Barbosa^o

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o sufixo diminutivo -eco. No Português Brasileiro, os falantes frequentemente utilizam o sufixo -eco não somente para indicar pequenez, mas também para expressar a atitude subjetiva do falante, assumindo um valor positivo ou negativo. Deste modo, o sufixo -eco pode apresentar diversas significações a depender do contexto em que está inserido.

PALAVRAS-CHAVE: Sufixo -eco; Diminutivo; Formação de palavras; Diminutivo dimensional; Sufixo pejorativo.

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze the -eco diminutive suffix. In Brazilian Portuguese, speakers frequently use the -eco suffix not only to indicate size but also to point a positive or negative value with the context in which it appears. This way, the -eco suffix may not be understood the same way in all areas, and its meaning can vary with the context in which it's used.

KEY-WORDS: -Eco suffix; Diminutive form; Word formation; Diminutive dimension; Pejorative suffix.

Introdução

O presente artigo realiza um estudo sobre o sufixo derivacional de grau diminutivo -eco(a), por falantes do português brasileiro, a fim de verificar a relevância dimensiva e o valor pejorativo atribuído ao formativo. Em linhas gerais, o sufixo -eco(a) está vinculado a noção de dimensão, relativo à “X é pequeno”. No entanto, as construções X-eco(a) podem assumir outras acepções semânticas, expressando pejoratividade, afetividade, expressividade ou neutralidade. Nesse sentido, não constitui

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

^o Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ. Bolsista do CNPq.

tarefa simples determinar o significado de –eco(a), visto que pode apresentar diversas significações conforme a base a que se anexa.

O texto apresenta-se estruturado da seguinte maneira: na seção I, expomos os processos de formação de palavras na língua portuguesa, enfocando a derivação sufixal na formação de diminutivos e apresentamos também o tratamento dado ao grau nominal e ao sufixo –eco pela literatura. Na seção seguinte, descrevemos os *corpora* analisado e as formações X-eco, examinando o caráter diminutivo e as funções atitudinais concernentes a estas construções. Por fim, apresentamos as considerações finais.

1. A formação de palavras no PB

No uso da linguagem, frequentemente, formamos novas palavras ou perpetuamos as construções já existentes da língua no processo de comunicação. Portanto, o falante dispõe da possibilidade de modificar bases nominais, verbais e adverbiais pelo acréscimo de afixos.

Rio-Torto (1998) caracteriza os processos de formação de palavras, distribuindo-os em três tipos principais: operações aditivas; operações subtrativas ou redutivas; e operações modificativas. No primeiro caso, têm-se processos de afixação (prefixação, sufixação, circunfixação e infixação), reduplicação e composição. No segundo, manifestam-se operações de supressão de segmentos iniciais, mediais ou finais. No último, encontram-se a apofonia e a metátese.

Dos processos mencionados, os mais produtivos são operações de adição ou concatenação, mais especificamente a afixação e a composição. No primeiro processo, formam-se palavras pela junção de um afixo a uma base como em *retratista* (retrato + -ista) e *predispôr* (pré- + dispôr), por exemplo. No segundo, tem-se a anexação de uma base à outra para a formação de uma palavra, como, por exemplo, em *guarda-chuva* (guarda + chuva), *luso-brasileiro* (luso + brasileiro), *sociolinguístico* (sócio + linguístico), etc.

Segundo Rio-Torto (1998), em português, a afixação manifesta-se pelos seguintes processos: (a) prefixação; (b) sufixação; e (c) circunfixação. Em (a), tem-se a anteposição de um prefixo a uma base e essa operação não envolve alteração categorial ([[des [fazer]_v]_v], [[in[justo]_{Adj}]_{Adj}]). No entanto, em (b), um morfema aditivo se pospõe

à base para lhe acrescentar significados específicos, que pode ou não alterar a categoria da base ([[lava]_v agem]_s), [[estaciona]_v mento]_s), [[bonito]_{Adj} inho]_{Adj}),). E, por último, em (c), os segmentos são colocados imediatamente à direita e à esquerda do radical da base ([des[alma]_s ado]_{Adj}), [es[claro]_{Adj} ecer]_v)).

As gramáticas tradicionais (CEGALLA, 1981; CUNHA & CINTRA, 1985; MIGUEL, 1989) tratam a derivação sufixal de maneira uniforme e são pouco explícitas em suas análises, limitando-se a apresentar listas de exemplos. Assim, concordamos com Rio-Torto (1994) ao mencionar que:

a abordagem tradicional da formação de palavras caracteriza-se por dois aspectos essenciais: por ser eminentemente estática e por privilegiar apenas uma das dimensões que a formação de palavras envolve - a dimensão morfológica. (...) Os processos de formação de palavras propriamente ditos são encarados não pelo ângulo do dinamismo que lhe é inerente, mas tão somente pelo seu aspecto resultativo, como esquemas que defluem da combinação de formas mais ou menos autônomas a segmentos presos, que são os afixos.

No processo de derivação, a formação de diminutivos por sufixação representa um dos processos de formação de palavras demasiadamente produtivo no PB. Entretanto, a língua portuguesa apresenta uma vasta gama de afixos que expressam a noção de diminuição, haja vista, por exemplo, os sufixos -acho, -eco, -ejo, -ela, -elho, -eta, -ete, -icho, -ico, -inho, -isco, -ito, -ota, -ote, -únculo etc. Em virtude dos muitos afixos que exprimem o caráter diminutivo, limitamo-nos a analisar o sufixo -eco, que, além de significar algo pequeno, também é portador de outras acepções, como expressividade e pejoratividade.

1.1. Grau diminutivo: flexão ou derivação

Os gramáticos de língua portuguesa são unânimes ao tratar o grau como um caso de flexão nos nomes (substantivos e adjetivos), tornando-os equivalentes a gênero e número. Tomemos como exemplo a gramática de Cunha (1979) para comentarmos a questão da categoria de grau.

Em *Gramática da língua portuguesa*, o autor considera que os nomes flexionam-se em gênero, número e grau. Nas palavras do autor, “os substantivos podem

variar em número, gênero e grau (CUNHA, 1979, p. 191). [...] Como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em número, gênero e grau” (CUNHA, 1979, p. 254).

Em *Estrutura da língua portuguesa*, Mattoso Câmara (2004, p. 83) ressalta que

a expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si. A sua inclusão na flexão nominal decorreu da transposição pouco inteligente de um aspecto da gramática latina para a nossa gramática. Em latim, o morfema *-issimus* pertencia a um complexo flexional ao lado de *-ior*, próprio dos adjetivos num tipo de frase em que se estabelece a comparação entre dois termos para se afirmar que aquele referente ao adjetivo que tem o morfema é superior ao outro [...] O uso de *-issimus* em latim para meramente a intensificação de uma qualidade era um subproduto do seu uso gramatical na estrutura da frase comparativa; não foi ele que levou a gramatologia latina a considerar *-issimus* dentro da flexão nominal. Se só existisse esse uso, como sucede em português, Varrão teria dito com certeza que se tratava de *declinatio voluntaria*.

Note-se que Mattoso Câmara (2004) aponta como a principal distinção entre derivação e flexão o fato de a primeira não constituir um processo obrigatório e sistemático para o léxico da língua, como podemos observar em outra passagem de *Estrutura da Língua Portuguesa*:

uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere. De cantar, por exemplo, deriva-se cantarolar, mas não há derivações análogas para falar e gritar, outros dois tipos de atividade da voz humana. Os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro regular, coerente e preciso. Acresce a possibilidade de opção, para usar ou deixar de usar o vocábulo derivado. (MATTOSO CÂMARA, 2004, p. 81)

Portanto, tem-se o fato de não haver nomes derivados na língua portuguesa para todos os verbos e, quando ocorrem, os processos se dão de formas variadas. De modo análogo, podemos afirmar que não há diminutivos e aumentativos correspondentes para todos os nomes bem como o fato de certos substantivos apresentarem mais de uma forma de aumentativo e/ou diminutivo. Assim, cabe ao falante a possibilidade de escolha do seu uso.

Por outro lado, tem-se um processo de obrigatoriedade e sistematicidade na flexão, imposta pela própria natureza da frase. Não é parte da competência do falante

usar, por exemplo, um substantivo no plural ou mesmo um verbo no pretérito perfeito. Tal uso está condicionado pela natureza da frase. Assim, nas palavras de Mattoso Câmara:

os morfemas flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação. Na língua portuguesa há ainda outro traço característico para eles. É a “concordância”, decorrente na sua repetição, ainda que por alomorfes, nos vocábulos encadeados. Há concordância de número singular e plural e de gênero masculino e feminino entre um substantivo e seu adjetivo, como há concordância de pessoa gramatical entre sujeito e o verbo, e depende da espécie de frase a escolha da forma temporal e modal do verbo. (MATTOSO CÂMARA, 2004, p. 82)

Como acrescenta o autor, o produto da derivação é a formação de um novo vocábulo. E, a partir de cada vocábulo derivado, ocorre sempre uma nova possibilidade de se derivar outros, que, por sua vez, não são nem exclusivos nem exaustivos.

Na mesma linha Mattosiana, Rosa (1982) compreende o grau como:

uma categoria que expressa a relação existente entre um significado considerado normal e outro(s) considerado(s) acima, abaixo ou no mesmo nível numa escala de intensidade (muito...pouco) ou de dimensão (pequeno...grande), incluídos os valores pejorativos e afetivos. (ROSA, 1982, p. 17)

Também Frota (1985, p.13) argumenta que os sufixos de grau (aumentativo e diminutivo) “apenas acentuam ou minimizam a carga semântica da base, tenha ela valor pejorativo ou não”.

Zanotto (1986) assume que o aspecto semântico é relevante na distinção entre flexão e derivação:

outra diferença que distingue flexão e derivação é de caráter semântico. A derivação introduz, via de regra, alterações de sentido mais profundas do que a flexão. Entre “anda” e “andava” existe apenas a diferença de tempo; entre “pedra” e “pedras” também a diferença é de uma unidade para mais de uma, diferença inegável, mas menor do que aquela que existe, por exemplo, entre “pedreiro” e “pedreira”. A derivação é, enfim, um processo de formar novas palavras, de multiplicar o uso de um mesmo semantema, utilizando prefixos e sufixos, dentro de um quadro de possibilidades que a linguagem oferece, mas um quadro aberto, facultando novas criações. (ZANOTTO, 1986, p. 56)

Assim, o autor esclarece que a flexão, ao contrário da derivação, estabelece relações fechadas e constitui uma “imposição da frase”, que torna obrigatória a concordância entre os termos da sentença, não permitindo a criação de novos vocábulos.

Bybee (1985) incorpora a noção de protótipos¹ para estabelecer uma escala gradual na qual os elementos linguísticos são posicionados em relação ao modo com que se combinam duas ou mais unidades de significação para formar expressões linguísticas. Para tanto, a autora estabelece três tipos de expressão linguística (lexical, flexional, sintática) que se apresentam distribuídos ao longo de um *continuum*, partindo de um ponto medial (o protótipo) para suas respectivas extremidades.

Payne (1985) sugere que a distinção entre flexão e derivação não é discreta e lista um conjunto de oito parâmetros que caracterizam os dois fenômenos. A autora também aplica a teoria dos protótipos para explicar porque não há limites precisos entre as duas categorias – flexão e derivação.

Plank (1991) apresenta uma listagem contendo 28 distinções elementares a fim de distinguir morfemas flexionais de morfemas derivacionais. O autor defende uma proposta de gradação contínua entre flexão e derivação, enfatizando, por exemplo, que alguns morfemas são caracterizados como [+derivacionais] por apresentarem um grande número de distinções elementares enquanto itens [-derivacionais] exibem um número bem menor de distinções. Assim, os itens lexicais se distribuem gradativamente ao longo de uma escala gradual em função de distinções elementares.

Para a língua portuguesa, Ezarani (1989) propõe a existência de uma escala, na qual as palavras são posicionadas de acordo com o maior ou menor grau de quantidade intensiva ou dimensiva do significado positivo ou negativo de sua base. Deste modo, a autora entende que o grau concentra-se num *continuum* quantitativo de dimensão e de intensificação e apresenta o seguinte quadro:

¹ De acordo com a Teoria dos Protótipos, alguns elementos linguísticos se encaixam em determinada classe por compartilharem o maior número de propriedades características de uma mesma categoria, constituindo-se, então, como membros mais representativos desta classe dentro de um contexto.

-	DIMINUTIVO		NORMAL		AUMENTATIVO	+
livreco	livreto	livrinho	livro	livrão		
	caixeta	caixinha	caixa	caixona	caixa	
	casebre	casinha	casa	casão	casarão	

Em *Flexão e derivação em português*, Gonçalves (2005, p. 7) considera que “a flexão tem sido definida como processo morfológico regular, aplicável em larga escala e sem qualquer possibilidade de mudança na categoria lexical das bases” e, por outro lado, “a derivação vem sendo descrita como processo idiossincrático, caracterizado pelo potencial de mudar classes e por grandes restrições de aplicabilidade”.

Ao tratar dos limites entre flexão e derivação, o referido autor estabelece doze critérios que servem de parâmetros para mapear as diferenças entre esse dois pólos da Morfologia: relevância sintática, meios de materialização, aplicabilidade, estabilidade semântica, efeitos expressivos, lexicalização, mudança de classe, cabeças de construções morfológicas, ordem e posição, excludência e recursividade, criação de novos afixos e função indexical.

Entende-se que o sufixo de grau se aproxima maximamente do paradigma da derivação, como um processo responsável pela formação de palavras. No entanto, o sufixo de grau (aumentativo/diminutivo) está intimamente associado à noção de gradação dimensiva, que nem sempre aparece, como nos exemplos porta/portão (“portada, portal; porta da rua”); palavra/palavrão (“palavra obscena”); camisa/camisola (“roupa feminina para dormir”), camiseta (“roupa feminina curta e fina”), camisinha (“preservativo sexual”).

Note-se que, em tais exemplos, surgem fatores de ordem referencial e/ou pragmática, apresentando significações imprevisíveis e idiossincráticas. Nestes casos, pode-se considerar ainda a possibilidade de adjunção de outros formativos que marquem uma gradação após tais sufixos como, por exemplo: porta/portãozão/portãozinho; carta/cartão/cartãozinho; camisola/camisolão/camisolinha; camisa/camiseta/camisetona/camisetonazinha.

Em algumas gramáticas tradicionais, a categoria de grau pertence ou a flexão dos nomes ou a derivação sufixal. No entanto, há gramáticas que o classificam ainda como pertencente à flexão dos nomes e como derivação ao mesmo tempo. Em verdade,

tem-se uma confusão de abordagem no tratamento dado ao grau pela gramática normativa e não uma flutuação ou dificuldade na demarcação de limites entre flexão e derivação.

1.2. O sufixo –eco na literatura

Nas gramáticas normativas, o sufixo diminutivo –eco é comumente tratado no âmbito de grau nominal (CEGALLA, 1981; MACEDO, 1979; CUNHA & CINTRA, 1985). Geralmente, este formativo é associado ao significado dimensivo de “X é pequeno”. Assim, como assinala Cegalla (1981, p. 94), “o grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres”, salientando que “o grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído”.

Ao analisar a função dimensiva atribuída aos diminutivos, Hakamies (1951) afirma que:

segundo uma tradição que remonta à antiguidade, convencionou-se dar o nome de diminutivos a certos derivados que não implicam necessariamente a ideia de pequenez, mas podem expressar também uma atitude afetiva do sujeito falante. No entanto, o valor diminutivo, com as nuances acessórias, é secundário; isto resulta de um exame dos sufixos diminutivos das línguas indo-europeias, pois eles indicam originalmente a semelhança e a pertinência de uma espécie. (HAKAMIES, 1951 apud EZARANI, 1986, p.16)

Desde a antiguidade clássica, tem-se a ideia de que, em um primeiro momento, os diminutivos não surgiram historicamente vinculados à noção de pequenez, mas eram associados a uma carga de afetividade. Tal fato é explicitado por Alonso (1967, p. 161) ao mencionar que “a velha ideia de que a significação diminutiva se derivou da afetiva - já que os objetos pequenos despertam em nós, às vezes, sentimentos de proteção e ternura ou de desconsideração e menosprezo – vai sendo negada cada vez com mais segurança. O diminutivo, na verdade, era o sinal de um afeto”.

Para Cunha & Cintra (1985), o sufixo –eco não apresenta uma origem suficientemente clara. No entanto, Horning (ZRPh XX apud Skorge 1963) relata que –eco provém do sufixo latino -iccus. De modo geral, esses autores constatarem que o diminutivo -eco apresenta um sentido irônico e humorístico, exemplificado pelas formas padrega, pileca, soneca e folheca. Entretanto, Rocha Lima (1994) ressalta que “os

diminutivos encerram ideia de carinho; mas alguns funcionam como pejorativos”, como é o caso do sufixo –eco , em *filmeco*, por exemplo.

Segundo Rodrigues Lapa (1988), o sufixo –eco não alude a ninguém e apresenta o exemplo: “O pai repreendeu o filho por ler aquele *livreco*”, explicando que “*livreco* é um mau livro, pelo qual se nutre desprezo ou antipatia”. O autor menciona que o mesmo sentido pejorativo aparece ainda em exemplos como *jornaleco*, *padreco* (*padreca*), *malandreco*, *revisteca*, etc.

No capítulo dedicado à Estilística Morfológica, Vilanova (1977) detém-se a mencionar o grau do adjetivo e do substantivo. Quando trata do diminutivo, o relaciona a exemplos literários atribuindo-lhe um valor dimensivo, afetivo, pejorativo e superlativo.

Nota-se que as gramáticas tradicionais restringem-se a repetir conceitos herdados da Antiguidade. Assim, as gramáticas, compêndios e manuais de língua portuguesa passam a reproduzir uma lista exaustiva de sufixos diminutivos sem apresentar qualquer detalhamento sobre aspectos de natureza semântica ou pragmática.

As gramáticas normativas são unânimes ao afirmar que –eco é um sufixo diminutivo que apresenta acentuado valor pejorativo como, por exemplo, *livreco*, *soneca*, *padreco*, etc. Contudo, entende-se que, a depender de como os diminutivos são colocados em contextos discursivos, eles podem assumir as mais diversas significações, expressando a atitude subjetiva do falante, e não somente a generalização referente à diminuição de tamanho e pejoratividade, que estão presentes em todas as construções X-eco. Nesse sentido, será que o sufixo –eco sempre forma diminutivos com valor pejorativo?

Em relação ao uso, Basílio (2004) afirma que o diminutivo adiciona ao significado de uma palavra uma relação de dimensão pequena de X, além de sinalizar também uma linguagem afetiva ou que expressa pejoratividade. A autora também ressalta que:

a pejoratividade é o caso por excelência da expressão da atitude subjetiva em relação ao enunciado ou alguma de suas partes. Em português existe uma quantidade considerável de afixos para a formação de pejorativos, mas estes, em geral, adicionam um caráter pejorativo a alguma outra função ou significado qualquer.

Deste modo, em sentido lato, compreende-se que o diminutivo expressa uma função dimensiva que se refere a ‘X é pequeno’ quando o comparamos implicitamente a algo que apresenta um padrão normal. Por outro lado, exprime também a atitude emocional do falante, que pode ser tanto positiva quanto negativa, vinculada à noção de tamanho do objeto por ele dimensionado.

2. O sufixo –eco em análise

Inicialmente, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica em algumas gramáticas de Língua Portuguesa (BECHARA (1976; 2000), ROCHA LIIMA (1975), CUNHA & CINTRA (1985)) e também em obras de estilística (LAPA (1988), VILANOVA (1977)), a fim de verificarmos se tais autores discorrem sobre as regras que regem a seleção do sufixo diminutivo -eco e de que modo o fazem. Atestada a inexistência de uma discussão mais acurada sobre esta questão, visto que a maior parte dos autores apresenta uma listagem de vocábulos com o sufixo –eco e lhe atribui sempre um valor pejorativo, optou-se por empreender uma análise linguística a partir de uma amostragem para se chegar à generalização de regras e determinarmos a função avaliativa atribuída pelo falante ao formativo. Assim, a amostra é constituída de dados dos dicionários eletrônicos Aurélio (1999) e Houaiss (2001), de dados de fala, oriundos do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua² (PEUL), e de dados espontâneos extraídos de sites de busca e de relacionamento (*Google* e *Orkut*).

De acordo com os dados levantados nos corpora em análise, constatamos que o sufixo –eco pode ser anexado a bases nominais, como se vê em *filmeco*; a bases verbais, como em *andareco*; e ainda a bases adverbiais, como podemos verificar em *rapideco*. Cabe ressaltar que a concatenação do sufixo em questão a bases verbais e a bases adverbiais é pouco usual, diferentemente do que ocorre em relação a bases nominais. Deste modo, nas próximas seções, examinaremos os aspectos morfológicos e os possíveis valores semânticos das formações X-eco.

² O corpus foi extraído do banco de dados do PEUL que se encontra no site <http://www.lettras.ufrj.br/peul/amostras 1.html>

2.1. Bases nominais

Vejam os dados abaixo, em (01), referentes à anexação do sufixo –eco a bases nominais. Como perceberemos através dos dados, a regra de formação de palavras (RFP) empregada no caso em questão é: $[X]_N \rightarrow [[X]_N \text{ eco}]_N$.

(01)

Amoreco (amor + eco; diminutivo carinhoso de amor: uso afetivo)

Baileco (baile + eco: uso pejorativo)

Bandejeca (bandeja + eca: uso pejorativo)

Bareco (bar + eco: uso pejorativo)

Bodeco (bode + eco: uso pejorativo)

Boieco (boi + eco: uso pejorativo)

Boloteca (bolota + eca: uso pejorativo)

Bondeco (bonde + eco: uso pejorativo)

Boteco (forma truncada de *botequim*: uso pejorativo)

Burreco (burro + eco: uso pejorativo)

Chateco (chato + eco: uso pejorativo)

Clubeco (clube + eco: uso pejorativo)

Concursecoco (concurso + eco: uso pejorativo)

Deco (Dé + eco; hipocorístico de *André*: uso afetivo)

Doutoreco (doutor + eco: uso

Leco (Lê + eco; hipocorístico de *Leandro*: uso afetivo)

Livreco (livro + eco: uso pejorativo)

Lojeca (loja + eca: uso pejorativo)

Loteca (loto [forma truncada de *loteria*] + eca: forma neutra)

Lugareco (lugar + eco: uso pejorativo)

Malandreco (malandro + eco: uso pejorativo)

Maneco (Manu + eco; hipocorístico de *Manuel*: uso afetivo)

Maneireco (maneiro + eco: uso pejorativo)

Meleca (mel + eca: uso pejorativo)

Namoreco (namoro + eco: uso pejorativo)

Noiteca (noite + eca: uso pejorativo)

Paneleca (panela + eca: uso pejorativo)

Padreco (padre + eco: uso pejorativo)

Palmeireco (Palmeiras + eco: uso pejorativo)

Passareco (pássaro + eco: uso pejorativo)

Pateco (pato + eco: uso pejorativo)

pejora-tivo)	Potreco (potro + eco: uso pejorativo)
Faveca (fava + eca: uso pejorativo)	Proveca (prova + eca: uso pejorativo)
Festeca (festa + eca: uso pejorativo)	Refrigereco (refriger [de <i>refrigerante</i>] + eco: uso pejorativo)
Filmeco (filme + eco: uso pejorativo)	
Flaveco (Flávio + eco; hipocorístico de <i>Flávio</i> : uso afetivo)	Revisteca (revista + eca: uso pejorativo)
Folheca (folha + eca: uso pejorativo)	Romanceco (romance + eco: uso pejorativo)
Fordeco (Ford + eco: uso pejorativo)	Sabadeco (Sábado + eco: uso pejorativo)
Goleireco (goleiro + eco: uso pejora-tivo)	Soneca (sono + eca: forma diminutiva)
Jardinzeco (jardim + eco: uso pejora-tivo)	Teatreco (teatro + eco: uso pejorativo)
Jornaleco (jornal + eco: uso pejora-tivo)	Teatreco (teatro + eco: uso pejorativo)
	Timeco (time + eco: uso pejorativo)
Juizeco (juiz + eco: uso pejorativo)	Traveco (trava [forma truncada de <i>travesti</i>] + eco: uso pejorativo)
Literateco (literato + eco: uso pejora-tivo)	Vinheca (vinha + eca: uso pejorativo)
	Vampireco (vampiro + eco: uso pejora-tivo)

A verificação atenta aos dados elencados acima nos permite afirmar que o sufixo –eco é, de fato, expressivo, já que seu emprego traduz pejoratividade e pode expressar, em escala bem menor, afetividade. Bacheschi (2006, p. 110) afirma que o sufixo –eco é *um sufixo diminutivo que, como –inho, pode apresentar valor de apreço, o que ocorre em “amoreco”, mas, em geral, apresenta valor depreciativo como em “padreco”, “livreco” etc.* Os únicos dados apontados em (01) que não revelam conteúdo depreciativo são *amoreco*, *Deco*, *Flaveco*, *Leco*, *loteca*, *Maneco* e *soneca*. Faz-se necessário, então, buscar os motivos pelos quais essas formas não-pejorativas constituem exceções.

A forma *amoreco* denota, como já foi pontuado acima, “diminutivo carinhoso de amor”, ou seja, essa palavra é uma forma afetiva empregada pelos que se amam para se

referirem um ao outro, em vez de se designarem pelo nome. Como a palavra *amoreco* é sempre usada nesse contexto afetivo, é possível que tenha havido, nesse caso, um processo de lexicalização.

Os casos de *Deco*, *Flaveco*, *Leco* e *Maneco* constituem o que podemos chamar de hipocorísticos. De acordo com Monteiro (1983), hipocorístico é o processo apelativo usado na linguagem familiar para traduzir carinho ou qualquer palavra criada por afetividade, incluindo-se aí certos diminutivos (filhinho, benzinho, maninha) e palavras oriundas da linguagem infantil (papai, titia, teteia, dodói etc). Como se percebe, tal conceito é bastante amplo, o que fez com que Monteiro, no mesmo trabalho, delimitasse a definição. Assim, nas palavras do autor, em sentido estrito, o hipocorístico deve designar uma alteração do prenome ou nome próprio individual. Para Monteiro (1983, p. 83), então, a definição de hipocorístico restringe-se ao termo afetivo formado de um prenome ou sobrenome. Com isso, os exemplos *Deco*, *Flaveco*, *Leco* e *Maneco* expressam afetividade porque constituem formas hipocorísticas dos antropônimos *André*, *Flávio*, *Leandro* e *Manuel*, respectivamente.

Loteca é um neologismo empregado para designar popularmente a Loteria Esportiva. Sua formação se dá com o truncamento de *loteria*, que passa a *loto*, e o acréscimo do sufixo –eco. Esse, talvez, seja o caso mais intrigante dos dados dos *corpora* analisados, já que, nesse dado, o sufixo –eco parece revelar neutralidade. Isso talvez se dê devido a uma associação com dados em que esse afixo apareça também de forma neutra, como em *boneco* e *caneco*, por exemplo. Em *traveco*, ocorre, também, o processo do truncamento (de *travesti* para *trava*) e o posterior acréscimo do sufixo –eco; entretanto, nesse caso, o sufixo intensifica o grau de pejoratividade, pois a forma truncada (*trava*) já é considerada depreciativa. Tal fato, como podemos ver, não ocorre em *loteca*.

Com relação ao termo *soneca*, o sufixo -eco parece expressar simplesmente a ideia de diminutivo, visto que *soneca* significa dormir em um curto espaço de tempo, cochilar rapidamente.

Por fim, com o intuito de mostrarmos a relevância do sufixo –eco para expressar pejoratividade, citamos o exemplo *refrigereco*. Essa palavra é sempre empregada quando se deseja estabelecer um contraste explícito entre um refrigerante de qualidade e um refrigerante ruim. Frases como “*Se for refrigereco eu não bebo*” ou “*É refrigerante*

ou *refrigereco?*” evidenciam que o papel do sufixo –eco é, quase sempre, expressar valor depreciativo.

2.2. Bases verbais

Abaixo, em (02), podemos observar os poucos dados que se referem à concatenação do sufixo –eco a bases verbais. A RFP para esse caso pode ser assim sistematizada: $[X]_V \rightarrow [[X]_V \text{ eco}]_N$

(02)

Andareco (uso pejorativo)

Bailareco (uso pejorativo)

Beijareco (uso pejorativo)

Brilhareco (uso pejorativo)

Falareco (uso pejorativo)

Murmureco (uso pejorativo)

Podereco (uso pejorativo)

Prazereco (uso pejorativo)

Repeteco (uso pejorativo)

Sabereco (uso pejorativo)

Treinareco (uso pejorativo)

Como podemos perceber nos dados em (02), as bases verbais apresentam uma acentuada expressão pejorativa. Note-se ainda que a palavra *repeteco*, empregada em contextos depreciativos, marca a opinião do emissor, que considera o fato narrado exageradamente reprisado.

2.3. Bases adverbiais

A seguir, em (03), observamos os dados que se referem à anexação do sufixo –eco a bases adverbiais. Podemos sistematizar a RFP para esse caso da seguinte forma:

$[X]_{Adv} \rightarrow [[X]_{Adv} \text{ eco}]_{Adv}$

(03)

Breveco

Calmecco

Devagareco

Muiteco

Novamenteco

Perteco

Rapideco

Tardeco

Como podemos perceber, o sufixo –eco, nos poucos dados coletados com bases adverbiais, reforça a noção de intensificação de X, expressa inicialmente pelo advérbio da base. Sendo assim, há uma exacerbação da intensidade conferida à forma de base como, por exemplo, em “rapideco” que significa “muito rapidamente”, “tardeco” que denota “muito tarde”, e assim também nos demais casos. Esses dados, além disso, evidenciam que o advérbio não é invariável, como postula a tradição gramatical.

3. Considerações finais

Como verificamos neste trabalho, o sufixo –eco é, indubitavelmente, expressivo, já que pode evidenciar afetividade, intensificação e, principalmente, depreciação. Desta forma, este sufixo parece não ser simplesmente um formador de diminutivos, como postulam os gramáticos.

Sendo assim, uma questão a ser respondida é: há alguma relação entre um sufixo formador de diminutivo e o valor depreciativo, já que o sufixo em questão expressa pejoratividade em alto grau?

Silva (2006) postula, a fim de explicar a relação entre o sufixo –inho (também formador de diminutivos) e o valor depreciativo, que há uma metáfora conceptual relacionando coisas diminutas a algo desvalorizado, ou seja, aquilo que é pequeno pode ser desprezível, de acordo com essa metáfora. Dessa maneira, entendemos ser esta uma tese que explique a relação existente entre o sufixo –eco e o valor depreciativo que lhe é

atribuído, sinalizando a atitude subjetiva do falante em função de pouco apreço ou desvalor conferido às formações com esse elemento morfológico.

Referências bibliográficas

ALONSO, Amado. **Estudios lingüísticos**. Madrid: Gredos, 1967.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio eletrônico – Século XXI**. Versão 3.0. Ed. Nova Fronteira, 1999.

BACHESCHI, C. A. **Os valores expressivos dos afixos na norma urbana culta de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

_____. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

CÂMARA, J.M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 36ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Nacional, 1981.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, C. F. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FANAME, 1979.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

EZARANI, E. S. **Formações X-inho na fala carioca**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.

FROTA, M. P. **A expressão do pejorativo em construções morfológicas**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1985.

GONÇALVES, C. A. V. **Flexão e derivação em português**. Rio de Janeiro: Setor de Publicações da Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2001.

LAPA, M. R. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1988.

MACEDO, W. **Gramática de ouro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

MIGUEL, J. **Curso de língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Harbra Ltda, 1989.

MARTINS, N. S. **Introdução à estilística**. 3 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

MONTEIRO, J. L. Processos de formação dos hipocorísticos. **Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa**. Fortaleza, 4: 79-110, 1983.

PAYNE, D. Inflection or derivation: is there a difference? In: S.DeLancey and R.Tomlin (eds.) **Proceedings of the First Annual Meeting of the Pacific Linguistics Conference**. U. of Oregon, 247-260, 1985.

PLANK, F. Inflection and derivation. EUROTYP Working Papers. Noun phrase structure. **Working paper N° 10**, 1991.

RIO-TORTO, G. M. **Morfologia derivacional – teoria e aplicação ao português**. Lisboa: Ed. Porto Ltda, 1998.

_____. Processos e paradigmas de formação de palavras em português. In: **Actas do “Congresso Internacional sobre Português”**. Universidade de Lisboa, 1994.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 32ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, 1994.

_____. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

ROSA, M. C. A. P. **Formação de nomes aumentativos**: um estudo da produtividade de alguns sufixos portugueses. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

SILVA, A. S. da. A estrutura semântica do diminutivo em português. **Revista Portuguesa de Filologia** 25. Miscelânea de Estudos In Memoriam José G. Herculano de Carvalho. Vol. I, 485-509, 2006.

SKORGE, S. Os sufixos diminutivos em português. In **Boletim de Filologia**, tomo XVI, fascículos 3 e 4. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1963.

STUMP, T. Inflection. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds.). **Handbook of Morphology**. Oxford: Blackwell, 13-41, 1998.

VILANOVA, J. B. **Aspectos estilísticos da língua portuguesa**. Recife: Medalha, 1977.

ZANOTTO, N. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. Caxias do Sul: EDICS, 1986.